

Zé Celso e Gerald Thomas levantam bandeiras políticas em espetáculos que estreiam em SP

# O TEATRO e seu DUPLO

VALMIR SANTOS  
DA REPORTAGEM LOCAL

As novas peças de José Celso Martinez Corrêa e Gerald Thomas, que entram em cartaz nesta semana em São Paulo, estão impregnadas do discurso político.

Zé Celso, 68, por exemplo, faz referências explícitas ao novo papa, Bento 16, em "A Luta - 1ª Parte". Ele mesmo, o diretor e ator, que já interpretou um papa em "Ela" (1997), de Jean Genet (1910-86), agora surge em vídeo caracterizado como o pontífice alemão.

"O Bento 16 diz que é preciso enfrentar a ditadura do relativismo e cair na democracia do fundamentalismo. Mas são as democracias republicanas fundamentalistas que massacram os povos que têm autonomia, como mos-

trou 'Os Sertões', um livro universal e profético", diz Zé Celso.

A degola de soldados em Canudos (BA) é colocada em perspectiva pelas cenas de horror que militares norte-americanos protagonizaram em Fallujah, no Iraque.

A interpretação das realidades brasileira e internacional (a mídia é colocada em xeque o tempo todo) não está no panfleto. E se quer orgânica. "Minha direção nasce de uma visão poética que tenho do teatro. Poética, para mim, é

política. É a mesma coisa. Poética, política e poder. O poder do teatro", diz Zé Celso, que assina a dramaturgia da transcrição do épico de Euclides da Cunha.

Thomas, 50, diz que faz sua peça "mais brasileira" em "Um Circo

de Rins e Fígados", que também escreveu. Ao final, na sequência de um crime, a colorida bandeira do país contracena com uma bandeira preta, à la Glauber Rocha. Um dos atores do coro que vela um cadáver traz na camisa a ins-

crição G-8. Tudo ao som do Hino Nacional em versão batucada.

"Eu sou como o Brasil, não tenho solução, sou um problema", diz o protagonista. Thomas se diz "deprimido", "com vergonha da reeleição de Bush, irado com a invasão do Iraque, furioso e frustrado pela morte tão absurda de mais de uma centena de milhares de civis iraquianos e com a transgressão escancarada de todos os tratados assinados em Genebra e em outros lugares a respeito do respeito sobre os direitos humanos; irado e frustrado e perplexo com estas chacinas no Brasil, essa violência que não pára, com esta burrice que a televisão mundial espalha e que não pára, estes reality-shows que se procriam como se fossem o outro lado do terrorismo..."



O diretor teatral Gerald Thomas durante ensaio de seu espetáculo "Um Circo de Rins e Fígados"



Da esq. para dir., o ator Ricardo Bittencourt e o dramaturgo Zé Celso em cena de "A Luta - 1ª Parte"

## Gerald Thomas lança Nanini em pesadelo

DA REPORTAGEM LOCAL

Um personagem-ator de nome Marco Nanini recebe umas caixas estranhas, documentos secretos que provariam a vinculação da CIA, a agência de inteligência norte-americana, com o golpe militar de 64 no Brasil.

Mas essas caixas poderiam fazer parte de uma rede internacional de tráfico de órgãos, como suspeitam os policiais que tomam sua casa de assalto. O remetente é um sujeito que mora em Nova York, João Paradeiro. Quando despertou naquela manhã, Nanini apenas começava o seu pesadelo.

Thomas escreveu e agora encena "Um Circo de Rins e Fígados" — a partir de sábado, no Sesc Pinheiros — especialmente para Marco Nanini, 56, que empresta seu nome ao protagonista, sem cunho autobiográfico.

Em parceria inédita, diretor e ator vêm conversando sobre a história desde o início de 2004. Artista autocrático (ainda assina luz, trilha, cenografia etc.), Thomas fala abertamente em colaboração na dramaturgia.

"No início, sentia-me como

num oceano, não sabia como ou por onde navegar", diz Nanini.

O fio da meada o coloca em retalhos de cenas que resultam numa história de um personagem de natureza confusa, diante de "janelas" e "portas" que vão se desdobrando, curiosamente num espaço em que Thomas demarca vazios em meio a uma maca, caixas de papelão ou painéis gigantes com ilustrações de sua autoria.

A peça evoca as "morfologias do 'Júlio César', de Shakespeare", Kafka, Joyce, Genet, Beckett e criadores que "aprontam ciladas com as palavras". "Estou mais para Arthur Bispo do Rosário, Hamlet ou Quixote", diz o personagem-ator que, se saberá depois, trabalha num IML e tem por hábito "sodomizar cadáveres".

"Isso tem que ser visto como metáfora da 'descabação' da inocência, da iconoclastia, feita por artistas como [Marcel] Duchamp, [Andy] Warhol", diz o diretor. "Depois, veio a pós-modernidade de Heiner Müller, Bob Wilson, Pina Bausch, entre outros, que deixou fragmentos com os quais já não sabemos mais o que fazer."

Em cena, há ainda uma musa,

uma dançarina vestida de preto (Fabiana Guglielmetti, 30), que chama o protagonista ao chão, voz política da consciência. O luto como contraposição ao jogo de mídia que também virá na encenação de Gerald Thomas, cada vez mais afeito à metalinguagem nas artes cênicas (e visuais).

Após 11 anos com a comédia "Irma Vap", até meados dos anos 90, Nanini passou a trabalhar com diretores como Guel Arraes, João Falcão e Felipe Hirsch. Com Thomas, sente-se como num recreio. "Estou me divertindo muito."

O encenador o viu pela primeira vez num palco em "Pano de Boca" (1975), peça de Fauzi Arap, dirigida no Rio por Antonio Pedro.

### Um Circo de Rins e Fígados

**Texto e direção:** Gerald Thomas  
**Com:** Marcos Azevedo, Amadeo Lamounier, Pedro Osório, Gustavo Webner, Gilson Matogrosso e outros  
**Quando:** estreia sáb., às 21h; sex. e sáb. às 21h; dom., às 18h. Até 3/7  
**Onde:** Sesc Pinheiros - teatro (r. Paes Leme, 195, SP, tel. 0/xx/11/3095-9400)  
**Quanto:** R\$ 30  
**Patrocinadores:** Correios e Sesc-SP

## Oficina recria espaço para exibir 'A Luta'

DA REPORTAGEM LOCAL

Em "A Luta - 1ª Parte", que estreia no sábado, o público notará mudanças no teatro Oficina, onde a relação com a plateia se dá diretamente, não é mediada por um palco italiano, tradicional.

Uma passarela construída na altura da vidraça transparente, que favorece a luz do dia, e um túnel cavado no meio da "rua", corredor subterrâneo, ampliam a capacidade de circulação dos atores por todos os espaços, desejo manifesto em montagens anteriores, quando havia contracenação com arquibancadas e corredores.

"Houve uma transformação radical do espaço. O espectador vai entrar numa máquina de guerra, uma máquina de jogo, o jogo de teatro mesmo", diz Zé Celso.

O túnel-trincheira serve para ilustrar uma das estratégias de defesa dos sertanejos diante dos soldados do Exército. Quando atacados, eles se escondiam em buracos, às vezes dentro de suas próprias casas. "O teatro precisa desse plano do subterrâneo, do inconsciente, da terra e do céu."

Dos objetos de cena (os ca-

nhões, as espingardas, as metralhadoras, os "cavalos"), passando pela estrutura de ferro da arquibancada e pela tampa do túnel (vazada para jorrar luz), tudo foi pintado de prata. Essas mudanças foram articuladas pelo diretor Oswaldo Gabrielli, do grupo XPTO, que existe há 21 anos. Está agregado ao Oficina desde "O Homem 2 - Da Re-Volta ao Trans-Homem" (2003).

Outra artista recém-incorporada à equipe é a videodesigner Elaine César, responsável pelas imagens projetadas durante "A Luta", às vezes simultaneamente à cena, captadas por meio de câmeras digitais, às vezes na forma de vinhetas. Esse recurso funciona ainda como crítica ao próprio culto à imagem em tempos ensimesmados. "A celebridade é como o espírito de rebanho, serve à sociedade de espetáculo, uma máscara para o capitalismo esconder a minoria que tem e dar em troca, para a maioria, esse sistema midiático, mercantil, que ilude as cabeças. O teatro tem que fazer a viagem oposta", diz.

Na música, estão incorporados os músicos Lirinha, do Cordel do

Fogo Encantado, e Karina Bühr, do Comadre Fulozinha.

"A Luta - 1ª Parte" condensa as três primeiras expedições do Exército na tentativa de minar os mandos de Antonio Conselheiro e seguidores pelo arraial de Canudos (BA), conforme a última parte do clássico de Euclides da Cunha. Se comparada às montagens de "A Terra", "O Homem 1 - Do Pré-Homem à Re-Volta" e "O Homem 2", a nova etapa encerra mais protagonizações.

Há personagens como Alferes Wanderley (Haroldo Ferrari), o coronel Moreira César (Ricardo Bittencourt), o marechal Floriano Peixoto (Aury Porto), o comandante Febrônio (Adão Filho), assim por diante, além do núcleo das mulheres (Adriana Caparelli, Letícia Coura, Camila Mota, Sílvia Prado, Luciana Domschke)

### A Luta - 1ª Parte

**Onde:** teatro Oficina (r. Jaceguai, 520, Bixiga, tel. 0/xx/11/3106-2818)  
**Quando:** estreia sábado, às 18h; até 19/6  
**Quanto:** R\$ 30  
**Patrocinador:** Petrobras

Fotos Lenise Pinheiro/Folha Imagem